

ENTRE O RIZOMA E A OPACIDADE: ensaio de leitura sobre as pedagogias do tremor em Glissant

Hadassa Viviane Rodrigues
Márcia do Carmos Felismino Fusaro

Resumo

Esta resenha-ensaio analisa a obra *Tratado do Todo-Mundo*, de Édouard Glissant, com foco nas dinâmicas culturais e identitárias contemporâneas frente à lógica colonial. Longe de um escopo descritivo, o texto assume um olhar crítico ao examinar como os conceitos de *crioulização*, *identidade-rizoma* e *direito à opacidade* sustentam uma proposta de descolonização do pensamento, aplicável ao campo da educação crítica. Por meio de uma análise teórica e reflexiva, o texto explora o método glissantiano de contrapor o *pensamento continental* ao *pensamento arquipelágico*, tensionando as exigências coloniais de transparência por meio do conceito proposto de *translucidez pedagógica*. Os resultados destacam o papel central das artes e da literatura como ferramentas para a reconstrução de imaginários e subversão de narrativas hegemônicas. Conclui-se que a obra permanece essencial para os debates sobre globalização e educação, oferecendo uma estrutura conceitual sólida que substitui a raiz única pela relação e promove a construção de futuros plurais, tolerantes e éticos diante da complexidade das interconexões globais.

Palavras-chave: crioulização; descolonização; identidade-rizoma; pensamento arquipelágico.

BETWEEN THE RHIZOME AND OPACITY a reading essay on the pedagogies of tremor in Glissant

Abstract

This review-essay analyzes Édouard Glissant's work *Treatise on the Whole-World*, focusing on contemporary cultural and identity dynamics against colonial logic. Far from a merely descriptive scope, the text adopts a critical perspective by examining how the concepts of *creolization*, *rhizome-identity*, and the *right to opacity* provide a foundation for decolonizing thought, applicable to the field of critical education. Through a theoretical and reflective analysis, the text explores Glissant's method of contrasting *continental thought* with *archipelagic thought*, tensioning colonial demands for transparency through the proposed concept of *pedagogical translucency*. The results highlight the central role of arts and literature as tools for reconstructing imaginaries and subverting hegemonic narratives. It concludes that the work remains essential for debates on globalization and education, offering a solid conceptual framework that replaces the single root with relation, promoting the construction of plural, tolerant, and ethical futures in the face of complex global interconnections.

Keywords: creolization; decolonization; rhizome-identity; archipelagic thought.

ENTRE EL RIZOMA E LA OPACIDAD ensayo de lectura sobre las pedagogías del temblor en Glissant

Resumen

Esta reseña-ensayo analiza la obra *Tratado del Todo-Mundo*, de Édouard Glissant, centrándose en las dinámicas culturales e identitarias contemporáneas frente a la lógica colonial. Lejos de un alcance descriptivo, el texto asume una mirada crítica al examinar cómo los conceptos de *criollización*, *identidad-rizoma* y *derecho a la opacidad*

sustentam uma proposta de descolonização do pensamento, aplicável ao campo da educação crítica. A través de um análise teórico e reflexivo, o texto explora o método glissantiano de contrapor o *pensamento continental* ao *pensamento arquipelágico*, tensionando as exigências coloniais de transparência por meio do conceito proposto de *translucidez pedagógica*. Los resultados destacan el papel central de las artes y la literatura como herramientas para la reconstrucción de imaginarios y la subversión de narrativas hegemónicas. Se concluye que la obra sigue siendo esencial para los debates sobre globalización y educación, ofreciendo un marco conceptual sólido que sustituye la raíz única por la relación, promoviendo la construcción de futuros plurales, tolerantes y éticos ante la complejidad de las interconexiones globales.

Palabras clave: criollização; descolonização; identidade-rizoma; pensamento arquipelágico.

RESENHA

Em *Tratado do Todo-Mundo*, o martiniquês Édouard Glissant (1928-2011), filósofo, ensaísta e poeta, oferece uma contribuição fundamental para compreender as complexas dinâmicas culturais e identitárias do nosso tempo. A recente circulação da obra no contexto editorial brasileiro preenche uma importante lacuna, convidando-nos a uma reflexão sobre a “mestiçagem do mundo”, processo que desafia categorizações rígidas e hierarquias coloniais. Esta escrita, porém, não se limita a um relato fiel e linear. Ela assume, de forma explícita, o caráter de um ensaio de leitura: um gesto interpretativo que aceita o risco de um possível tremor conceitual para, a partir daí, abrir linhas de fuga e criar conexões teóricas com a educação contemporânea.

Ao iniciar com a metáfora de *Os Jardins nas Areias*, Glissant revela a tensão intrínseca entre a intimidade poética e a imensidão do mundo. O grito do mundo é um convite para reconhecer o conhecimento que emerge da dispersão e da interconexão. Nesse cenário, o conceito de *crioulização* ganha centralidade. Para o autor, se a mestiçagem frequentemente busca sínteses previsíveis, a *crioulização* vai além; ela opera na imprevisibilidade e supera homogeneizações. Glissant refuta a ideia de que esse processo resulte em diluição da identidade; ao contrário, sugere um distanciamento deliberado das paralisias impostas por modelos fixos. Assim, a *crioulização* descoloniza, ao desmontar a lógica binária e a busca por uma pureza cultural inexistente, celebrando o novo criado no conflito e na troca, em desafio às amarras do poder colonial.

Uma das bases do pensamento de Glissant é sua crítica à ideia de identidade como uma raiz única. Essa noção, umbilicalmente ligada a narrativas de origem exclusivistas e totalitárias, é percebida como opressora e escravizadora, pois tende a aniquilar ou subjugar o que está ao seu redor. Transforma, assim, a terra em território de posse e legitima o nacionalismo excludente. Em contraposição a essa arborescência colonial, Glissant propõe a *identidade-rizoma*. É impossível não perceber, nesse ponto, uma potente zona de vizinhança com o pensamento de Deleuze e Guattari (1995).

Entretanto, se na filosofia deleuziana o *rizoma* atua contra a estrutura hierárquica do pensamento ocidental, liberando fluxos de desejo e multiplicidades, em Glissant acontece uma desterritorialização geográfica e política desse conceito: o *rizoma* ganha carne e história nas águas e nas fraturas do Caribe. A *identidade-rizoma* de Glissant é, na verdade, uma identidade-relação, que se ramifica no encontro com o *outro*, sem a intenção de dominá-lo ou de mimetizá-lo. Não existe uma raiz que determine um centro; há uma multiplicidade de pontos interligados, em que cada cultura afirma sua existência singular em conexão com o *todo-mundo*.

É a partir dessa lógica que deságua o *direito à opacidade*. Glissant argumenta que cada cultura tem o direito de não ser completamente reduzida a categorias compreensíveis pelo outro. Historicamente, o projeto colonial operou sob a égide de um regime de transparência universalista.

Exigir que o colonizado seja “claro”, “legível” e “traduzível” dentro dos padrões eurocêntricos é, em última análise, uma ferramenta de controle, classificação e domesticação. Ao reivindicar a *opacidade*, Glissant desestabiliza essa pretensão imperial.

O autor opera uma manobra conceitual: retira as noções de transparência e opacidade do domínio estrito da física e as reterritorializa na filosofia da diferença. A *opacidade* não significa isolamento, fechamento ou obscurantismo, mas a garantia de que a diversidade possa se desenvolver protegida do imperativo de assimilação. Se a clareza colonial nivela as diferenças, a opacidade protege o direito ao mistério e à incomensurabilidade do *outro*.

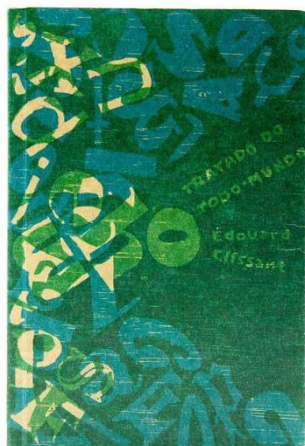
Diante disso, vale formular uma questão norteadora fundamental para o campo educacional: se a escola tradicional foi construída como uma máquina para produzir transparências — homogeneizando currículos e exigindo respostas idênticas —, como colocar em prática a *opacidade* na pedagogia? É nessa fresta que propomos a categoria de *translucidez pedagógica*. Na física, um meio translúcido permite a passagem parcial da luz, mas sem deixar as formas completamente nítidas, o que impede uma visão totalitária do objeto. Pensar uma educação intercultural crítica a partir da translucidez é abrir mão da ilusão de que podemos (ou devemos) compreender e decifrar totalmente a alteridade do estudante ou das culturas marginalizadas. A *translucidez pedagógica* atua no limite: somos tocados pela luz da diferença que vem do *outro*, dialogamos com ela, mas respeitamos os contornos que continuam inapreensíveis. Assim, educar não é iluminar o que estava na escuridão. É aprender a viver no espaço do tremor e do inacabamento.

Essa perspectiva exige também uma ruptura com o *pensamento continental* — linear, totalizador e de matriz europeia. Em seu lugar, Glissant propõe o *pensamento arquipelágico*, que acolhe o *Caos-Mundo*, a ambiguidade e as conexões fluidas. O arquipélago oferece uma nova cartografia para a pedagogia, sugerindo uma estrutura curricular em redes, nas quais as disciplinas e os saberes locais não se hierarquizam, mas formam uma multiplicidade de ilhas interligadas, em que cada uma guarda sua própria centralidade e dignidade epistemológica.

É na intersecção entre a filosofia e a prática artística que o pensamento de Glissant revela seu potencial mais transformador. Para ele, escrever e criar são intervenções ativas na realidade, capazes de subverter a temporalidade única e linear imposta pela historiografia ocidental. As artes e a literatura tornam-se espaços privilegiados para a emergência de vozes silenciadas, permitindo que a memória coletiva dos povos colonizados se torne profética. Ao mesclar gêneros e romper com falsas transparências estéticas, a literatura ensaia novas formas de ser e sentir.

Tratado do Todo-Mundo não é uma obra para ser meramente consumida de forma passiva ou linear. Trata-se de um dispositivo crítico indispensável para descolonizar nossos imaginários e nossas práticas educativas. Ao nos convidar a substituir a raiz única pela poética da relação, Glissant nos desafia a abraçar a beleza da opacidade e a potência do *Caos-Mundo*, fornecendo as ferramentas necessárias para a construção de pedagogias que estejam, finalmente, à altura de um futuro plural, tolerante e profundamente ético.

CAPA DO LIVRO



REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

GLISSANT, Édouard. *Tratado do Todo-Mundo*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2024.

Submetido em janeiro de 2026

Aprovado em julho de 2026

Informações das autoras

Hadassa Viviane Rodrigues
Universidade Nove de Julho
E-mail: h.rodgues@gmail.com
ORCID: [0000-0003-0784-5367](https://orcid.org/0000-0003-0784-5367)
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5718426657404454>

Márcia do Carmos Felismino Fusaro
Universidade Nove de Julho
E-mail: profmarciafusaro@gmail.com
ORCID: [0000-0002-1246-9282](https://orcid.org/0000-0002-1246-9282)
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9530154078991445>